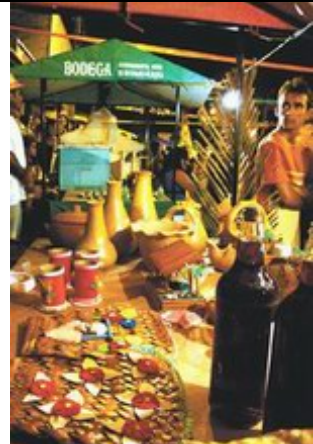


ECONOMIA SOLIDÁRIA (30/6/2007)

(artículo apparso sul quotidiano “Diario do Nordeste” del 30-06-2007)

	<p>Experiências locais servem de referência</p> <p>Na bodega O Nordeste Vivo e Solidário tem de tudo. O artesanato é destaque (Foto: Melquíades Júnior)</p>	<p><i>Comunidades rurais do semi-árido estão vivendo novas experiências de produção baseadas na sustentabilidade</i></p>
---	--	--

Aracati. O modelo de integração econômica, social e cultural é novo, mas tem ampliado os rumos no Interior do Estado. De um termo desconhecido pela quase totalidade dos cearenses a principal fonte de renda de centenas de famílias, a economia solidária traz uma mistura de experiências auto-sustentáveis do ser humano com o seu meio ambiente e com os outros homens.

No Litoral Leste e no Vale do Jaguaribe, o cooperativismo comunitário nas “Bodegas” está dando certo. O consumidor compra os produtos diretamente do produtor, que, por isso, recebe um “preço justo”. As experiências cearenses estão sendo copiadas por países da Europa e da África.

Pergunte às comunidades no Interior o que acham da economia solidária e elas podem, antes, perguntar “o que é isso?”. Ou diga que imaginem comunidades inteiras inicialmente sem perspectivas de futuro, endividadas e desempregadas, que passam a se reunir no cooperativismo e extraem renda do próprio meio ambiente em que vivem, seja com arroz, caju, banana, mel de abelha e rapadura ou os labirintos de renda, roupas, sabonetes vegetais, utensílios de barro e palha.

Tudo isso respeitando a natureza e, melhor ainda, recebendo um preço “justo”, eliminando o atravessador, que, normalmente, lucra com pouco suor no trabalho alheio. Nesse modelo, todo mundo é patrão e é peão. Temos aí a verdadeira economia solidária.

Em Aracati, no Vale do Jaguaribe, é difícil passar pelo Centro e não conferir uma comida natural ou artesanato numa venda na esquina da Rua Coronel Alexanzito com uma placa bem vistosa: “Bodega”. Sim, lá tem de tudo um pouco e lembra aquelas quitandas antigas de Interior. Mas não tem maço de cigarro, cachaça, arroz parbolizado ou bombom piper. Na “Bodega O Nordeste Vivo e Solidário” vendem-se doces de caju, banana, coco (todos utilizando apenas o ‘açúcar’ da própria fruta); sabonete e xampu de aroeira, roupas bordadas de Beberibe, artesanato de barro de Limoeiro, bonecas de pano de Fortaleza, feijão orgânico de Fortim, bonecos de arame de Icapuí e outras diversidades de produtos regionais.

A Bodega está situada em Aracati, mas os produtos são de vários recantos do Ceará. Somada à “Bodega do Povo”, de Tianguá, a bodega solidária contempla cerca de 135 produtores, que comercializam nos espaços internos e nas feiras itinerantes nos municípios vizinhos. O espaço é acompanhado pela Pastoral Social, da Diocese de Tianguá, e pela Cáritas Diocesana de Limoeiro do Norte.

Outras entidades como Sebrae, Banco do Nordeste, Comissão Pastoral da Terra, Pastoral da Criança, **Associação Tremembé Onlus da Italia** e Associação Caiçara, dentre outros, também acreditam nessa idéia. Conforme Fátima Moreira, da Cáritas Diocesana de Limoeiro, os produtores da bodega trabalham na perspectiva de uma melhor qualidade de vida, que estabelece uma nova convivência com a terra e a água. “Ainda não garantimos produtos totalmente agroecológicos, mas estamos num processo transitório. O que se garante hoje são práticas da agricultura familiar menos agressivas à natureza e, portanto, produtos mais saudáveis”, afirma ela, confirmando uma tendência mundial para mudanças nos processos produtivos.